

# Arqueologia e Educação

POR

Adriano Vasco Rodrigues

Esta erudita comunicação foi apresentada na sessão do dia 7 de Outubro de 1972.

O seu autor não apresentou o original, pelo que se publicam apenas as intervenções a que a mesma deu ensejo.

Seguem-se as intervenções

Prof. Santos Júnior.

O Prof. Santos Júnior começou por referir a meritória acção do Dr. Adriano Vasco Rodrigues no campo da Arqueologia de Angola, onde esteve como Inspector do Ensino Secundário, e ali realizou observações cheias de interesse; colheu abundantes materiais escalonados por largos períodos da história de Angola, desde estações paleolíticas até aos concheiros do litoral de Angola, atribuídos aos *strandloopers*.

Referindo-se pròpriamente à sua comunicação disse que ela contratava com as que tinham sido feitas.

A comunicação do Sr. Dr. Adriano Rodrigues, cheia de erudição, com uma larga citação de conceitos filosóficos e de princípios e escolas educacionais, que tentou enxertar na Arqueologia, con-

trasta com a objectividade e a contribuição de dados concretos, a procurar o esclarecimento de problemas, e tantos eles são, em torno da cultura castreja, que todas as outras comunicações primaram em trazer a este colóquio.

Se bem ouvi, o Sr. Dr. Vasco Rodrigues começou por dizer: «Arqueologia é essencialmente compreensiva».

A seguir:

«Não se tem procurado a interpretação da vida».

Falou depois «Da reacção do Homem sobre o ambiente»; «Da integração da cultura castreja na educação»; «Nas formas de educação a integrar o Homem dentro da comunidade»; «Da acção do Homem sobre a Natureza e triunfo do Homem sobre a Natureza»; «Do aumento progressivo da História ligado ao aumento da população»; «Da transmissão dos conhecimentos e sua irradiação lateral e radial». Aludiu às matemáticas modernas e disse: «uma expressão logarítmica permite um certo número de ilações». Não chegou a dizer quais eram essas ilações em relação com a Arqueologia. Disse que «Educar era submeter a uma disciplina, mas que educação não era coacção». Falou de integração social, «quanto maior é o desenvolvimento de relações sociais, maior é o grau de inventiva», etc., etc.

Falou depois de escavações e das vantagens de interessar nelas a juventude.

Aludiu à conveniente salvaguarda do espólio das explorações arqueológicas, o que infelizmente nem sempre se tem observado. Referiu os bons serviços que presta, na interpretação de muitos factos arqueológicos e seu estudo comparado, a elaboração de cartas e de gráficos.

O Prof. Santos Júnior sintetizou a comunicação do Sr. Dr. Adriano Rodrigues como uma tentativa de teorização de um certo número de factos arqueológicos, que procurou integrar em conceitos educacionais.

O Prof. Santos Júnior discordou de alguns dos pareceres ou afirmações feitas pelo conferente. Tal divergência resultaria, talvez, de se tratar de um educador, enquanto que ele, Prof. Santos Júnior

é um biologista que, no entanto, em toda a sua vida não foi, fundamentalmente, senão professor, primeiro do ensino secundário e depois do ensino superior.

Ambos estariam certamente de acordo, como disse o Prof. Santos Júnior, quanto ao conceito, bem sabido e tantas vezes afirmado, de que a Arqueologia é uma ciência altamente educativa e disciplinadora, visto que o arqueólogo, ao fazer uma escavação deve lembrar-se que está a ler um livro cujas folhas são rasgadas à medida que vão sendo lidas.

#### D. Domingos de Pinho Brandão

Felicitou o orador. Disse que a arqueologa não pode confundir-se com *arquiografia*. Importa muito conhecer e inventariar os monumentos e elementos arqueológicos, mas não pode ficar-se por aqui. Há que procurar saber o que tais elementos nos dizem sobre o homem de então.

A propósito de escavações, observou que há que proceder sempre com muito cuidado. Bem seria que se deixasse habitualmente, nos monumentos que se exploram, uma parte intacta para ser escavada mais tarde, quando forem mais perfeitos os métodos e técnicas de escavação.

Quanto ao método comparativo, com o recurso à etnografia, para conhecimento do passado, deve ser completado, e porventura corrigido em muitos casos, com a leitura e lições dos objectos e elementos arqueológicos que possuímos e que vierem a ser encontrados. Hoje é ainda cedo para se teorizar com exactidão e pormenor sobre a vida do homem, individual e socialmente, no período proto-histórico.

Disse, em resumo: ser absolutamente indispensável regulamentar o que se está a passar com os «bric-à-bragues»: ali se expõem objectos de arqueologia, para fins de coleccionismo, que ficam, assim, perdidos para a arqueologia, pois desconhecendo-se as particularidades do seu achamento, perdem todo o interesse para a investigação. Por outro lado esse comércio fornece o aumento de rebuscadores de lugares arqueológicos, tornando-os assim irremediavelmente perdidos para a arqueologia.

Arq. Fernando Lanhas

Após felicitar o Dr. Vasco Rodrigues pela sua comunicação, cujo tema julga poderia ser exactamente o tema geral de um colóquio, dada a variedade de aspectos que apresentava. Referiu-se ao caso particular da representação gráfica (citado na comunicação) da evolução das culturas, seus paralelos e, ainda, a sua utilidade, porquanto poderá muitas vezes acusar faltas ou até, justificar fenómenos que de outra forma seriam dificilmente encontrados.

O A. foi insistentemente solicitado a mandar o original do seu trabalho, de tema cheio de interesse, bem como o da senhora sua esposa D. Maria d'Assunção Carqueja Rodrigues, sobre *Alguns Castros da região da Guarda*.

Promessas sucessivas de envio dos trabalhos não foram cumpridas, o que deveras se lamenta.